



Pastores e Conselheiros Diante da Violência Doméstica
Uma Capacitação em 6 Semanas para Líderes de Igreja

MANUAL DO LÍDER DE EQUIPE



SOBRE ESTE MATERIAL

Este manual é um guia de capacitação em seis semanas para pastores, líderes e conselheiros de Igreja que desejam estar preparados para reconhecer, receber e acompanhar mulheres em situação de violência doméstica.

Ele não foi escrito para especialistas. Foi escrito para líderes que amam suas congregações e que sabem, no fundo, que o silêncio sobre esse tema já custou caro demais.

Cada semana tem:

- uma âncora central,
- um devocional temático,
- um bloco de ensino,
- uma discussão guiada e
- um encerramento com tarefa prática.

O material pode ser facilitado por um pastor, por uma líder de ministério feminino, ou por qualquer pessoa com formação básica em liderança e disposição para conduzir conversas difíceis com cuidado.



Três anexos complementam as seis semanas: o primeiro reúne textos bíblicos frequentemente distorcidos para silenciar ou aprisionar mulheres, com o que cada um realmente diz em contexto. O segundo nomeia brevemente realidades que ficaram fora do escopo principal da capacitação, mas que precisam ser reconhecidas por qualquer líder que leve esse tema a sério. O terceiro reúne vinte e cinco versículos bíblicos sobre a forma como Deus vê cada pessoa, pensados para uso como epígrafes, cartões ou momentos de abertura e encerramento ao longo dos encontros.

Este material nasceu da convicção de que a Igreja pode ser um lugar seguro. Que ela ainda não é, na maioria dos casos, não é falta de amor. É falta de preparo. E preparo é o que estas páginas oferecem.

Pastores e Conselheiros Diante da Violência Doméstica

Uma Capacitação em 6 Semanas para Líderes de Igreja

INTRODUÇÃO

"Registra a minha lamentação; coloca as minhas lágrimas na tua garrafa. Não estão elas no teu registro?" Salmo 56.8

Abre o material inteiro com a imagem mais poderosa: Deus que coleta o que ninguém mais vê. Define o tom antes da primeira palavra.

POR QUE ESTA CAPACITAÇÃO EXISTE

A violência doméstica acontece dentro das congregações. Não nas margens, não nas famílias que "precisam crescer espiritualmente", mas dentro de famílias que lideram ministérios, que dizem fielmente, que estão na primeira fileira todo domingo. Ela acontece em silêncio, muitas vezes por anos, porque a mulher não encontrou ninguém em quem confiar o suficiente para falar.

Em muitos casos, a Igreja poderia ter sido esse lugar. Não foi. Não por falta de amor, mas por falta de preparo. Esta capacitação existe para mudar isso.

OS NÚMEROS QUE PRECISAMOS ENCARAR

Antes de qualquer outra coisa, precisamos entender os dados. Não como estatística fria, mas como rostos, nomes, conexões reais. Como mulheres que provavelmente conhecemos.

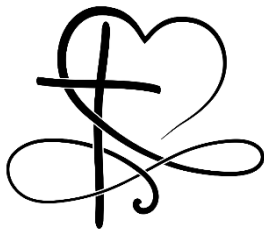
NO BRASIL:

Três em cada dez brasileiras já sofreram algum tipo de violência doméstica ou familiar provocada por um homem. São mais de 25 milhões de mulheres. A violência psicológica é a mais recorrente, presente em 89% dos casos, seguida pela moral (77%), pela física (76%), pela patrimonial (34%) e pela sexual (25%).

Em 2023, os casos de violência psicológica registraram um aumento de 38% em comparação ao ano anterior. As agressões físicas cresceram 9,8%, totalizando mais de 258 mil ocorrências registradas. E esses são apenas os casos denunciados.

No contexto rural e em municípios pequenos, o silêncio é ainda mais profundo. A pesquisadora Dra. Juliana Lemes da Cruz (UFF/FBSP) encontrou em sua tese doutoral de 2023 que 86% dos feminicídios íntimos em municípios rurais não tiveram nenhuma notificação oficial prévia. A violência existia. Ninguém havia registrado.

DENTRO DA IGREJA:



Aqui está o dado que costuma surpreender mais: estudos mostram que mulheres cristãs são abusadas em taxas praticamente iguais às de mulheres fora da Igreja. A diferença significativa é que mulheres cristãs tendem a permanecer em média três anos e meio a mais com um parceiro abusivo, e têm mais probabilidade de retornar ao agressor após sair.

Uma pesquisa conduzida pelo ministério **Called to Peace** descobriu que 85% das mulheres cristãs que sofreram abuso eram casadas com homens que se declaravam cristãos. Desses homens, 30% serviam em algum ministério da igreja.

Segundo uma pesquisa norte-americana, 95% das mulheres que frequentam a igreja declararam nunca ter ouvido uma mensagem específica sobre abuso pregada do púlpito de sua congregação.

Outra pesquisa, realizada pela **LifeWay Research**, revelou que apenas 50% das igrejas têm algum plano para responder a situações de violência doméstica.

E talvez o dado mais revelador de todos: quando pastores passaram a receber treinamento sobre violência doméstica e anunciaram sua participação em programas educativos sobre o tema, imediatamente começaram a receber visitas de mulheres da congregação que haviam sido vítimas de violência. As mulheres não estavam ausentes. Elas estavam esperando por um sinal de que seria seguro falar.

Essa é a razão desta capacitação.

O QUE ESTA CAPACITAÇÃO É — E O QUE NÃO É

É importante estabelecer isso desde o início, com clareza:

- **Esta capacitação não forma terapeutas.** O objetivo não é transformar pastores e conselheiros leigos em especialistas clínicos em trauma. Esse não é o papel da Igreja, e tentar assumir esse papel sem formação adequada pode causar dano real.
- **O que ela forma é acompanhadores.** Pessoas que sabem reconhecer os sinais, que sabem receber uma revelação sem causar dano adicional, que conhecem os caminhos de

encaminhamento e que têm coragem teológica para nomear a violência como o que ela é, e não como um problema de submissão ou de fé insuficiente.

Uma mulher em situação de violência precisa de um lugar seguro para falar. Precisa ser acreditada. Precisa que alguém a acompanhe até os recursos que ela não consegue acessar sozinha. A Igreja pode ser tudo isso, e esta capacitação equipa para isso.

PARA QUEM É ESTA CAPACITAÇÃO

Esta capacitação é voltada para:

- Pastores e co-pastores
- Líderes de ministério de mulheres
- Conselheiros pastorais (formais ou informais)
- Casais em liderança, idealmente ambos participando juntos

Não é necessário nenhum conhecimento prévio sobre o tema. É necessário, porém, disposição para ser desafiado, inclusive em reflexos teológicos bem-intencionados que podem, sem querer, causar mais dano do que cura.



COMO AS SESSÕES FUNCIONAM

Cada encontro tem 1h30 e segue a mesma estrutura:

- **Abertura e devocional temático** (15 minutos). O devocional não é decorativo. Cada semana, a Palavra ancora o tema de dentro para fora.
- **Estudo principal** (50 minutos). Uma ferramenta central, um conceito central, desenvolvido com profundidade.
- **Discussão guiada** (20 minutos). As perguntas são intencionalmente desconfortáveis. Esse desconforto é parte da formação.
- **Encerramento e leitura da semana** (5 minutos).

Cada sessão tem uma âncora central. Não tentamos cobrir tudo; tentamos cobrir uma coisa bem, de forma que ela realmente mude algo.

UMA PALAVRA ANTES DE COMEÇAR

É provável que alguém nesta sala já tenha passado por isso. Pode ser que uma participante desta capacitação seja, ou já tenha sido, uma mulher em situação de violência. Isso deve ser dito em voz alta, com cuidado, no primeiro encontro.

Este não é um treinamento sobre "as outras". É sobre a realidade que já está presente em qualquer congregação com mais de cinquenta pessoas. Receber esse conhecimento com humildade significa reconhecer que possivelmente já erramos. Que já dissemos, com boa intenção, coisas que machucaram. Que talvez uma mulher tenha se afastado da nossa igreja porque não encontrou segurança.

A capacitação começa aí, não com técnica, mas com abertura.

Que o Senhor que vê a Hagar no deserto, que encontra a mulher à beira do poço, que para no meio da multidão para perguntar quem tocou na sua veste, que Ele guie cada encontro, cada conversa, cada encaminhamento que nascer daqui.

SEMANA 1

Abrir os Olhos: O Que É Violência Doméstica?

Âncora central: A Roda do Poder e Controle (Modelo Duluth)

Abrir os Olhos *"Você sabe quando me sento e quando me levanto; de longe você percebe os meus pensamentos. Você examina o meu caminhar e o meu deitar; conhece todos os meus caminhos."* Salmo 139.2-3

A semana é sobre aprender a ver o que está escondido. O versículo fala de um Deus que já vê tudo, e convida os líderes a desenvolverem esse mesmo olhar.

ABERTURA E DEVOCIONAL (15 minutos)

Hagar: A Mulher que Deus Viu *Gênesis 16.6b-13*

Hagar foge. Não há outra palavra para o que ela faz. Ela está grávida, foi maltratada por Sarai, e simplesmente vai embora para o deserto. Não há plano. Não há destino. Há apenas o instinto de quem não aguenta mais.

E é no deserto, sozinha, invisível para todos ao seu redor, que o anjo do Senhor a encontra. Não em Ur dos Caldeus. Não no altar de Abraão. Num poço no meio de lugar nenhum.

O anjo pergunta: *"Hagar, serva de Sarai, de onde você vem e para onde vai?"* Ele a chama pelo nome. Reconhece sua condição. E ela, que nunca havia sido vista dessa forma, dá ao Senhor um nome que nenhum outro personagem bíblico deu: *El Roi. O Deus que me vê.*

Há mulheres nas nossas congregações que são Hagar. Que chegam todo domingo, sorriem, servem, e voltam para casa para uma realidade que ninguém conhece. Não porque escondem mal. Mas porque ninguém ainda perguntou com olhos que realmente querem ver.

Esta capacitação começa aqui: aprendendo a ser o tipo de presença que faz uma mulher sentir que pode ser vista.

ESTUDO PRINCIPAL (50 minutos)

Parte 1: O Problema com a Nossa Definição de Violência (10 minutos)

Quando a maioria das pessoas ouve a palavra "violência doméstica", a imagem que vem à mente é física. Ossos quebrados. Olho roxo. Uma mulher com marcas visíveis.

Essa imagem é real. E ela é responsável por uma quantidade enorme de casos não identificados, porque a maioria das situações de abuso não começa e muitas vezes nem inclui violência física. Uma mulher pode estar sendo destruída por dentro há anos sem uma única marca no corpo. E quando ela tenta descrever o que vive, frequentemente nem ela mesma sabe chamar de violência.

Nossa primeira tarefa hoje é expandir a definição.

Parte 2: A Roda do Poder e Controle (25 minutos)

A Roda do Poder e Controle foi desenvolvida pelo Projeto Duluth, nos Estados Unidos, a partir de grupos de escuta com mulheres que haviam sofrido violência doméstica. Ela não foi desenhada numa mesa por pesquisadores. Ela foi construída com as palavras das próprias mulheres descrevendo o que viviam.

O centro da roda é o que realmente importa: **poder e controle**. A violência física, quando acontece, não é o problema em si. É a ponta visível de um sistema muito maior. O abusador não bate porque perdeu o controle. Ele bate porque está exercendo controle.

As divisões da roda descrevem as ferramentas que esse controle usa:



Intimidação. Olhares, gestos, gritos, destruição de objetos, machucar animais de estimação. A mensagem é sempre a mesma: eu decido o que acontece aqui.

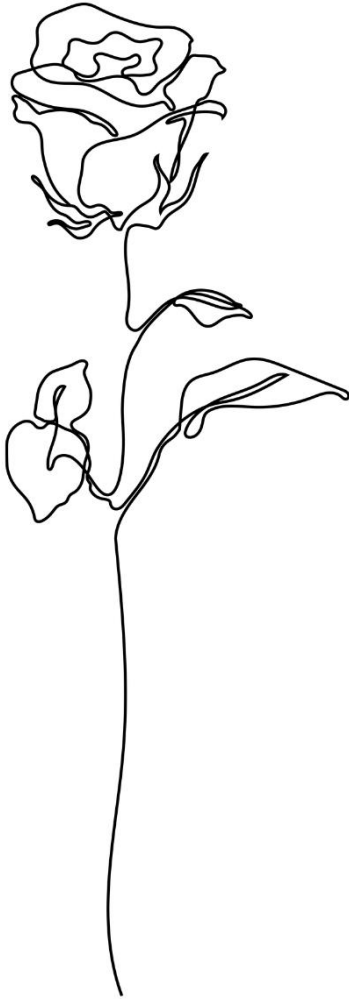
Abuso emocional. Humilhação constante, chamá-la de louca, fazê-la sentir que não presta, que sem ele ela não sobreviveria, que ninguém acreditaria nela de qualquer forma.

Isolamento. Controlar com quem ela conversa, o que ela lê, para onde vai, quem são seus amigos. Cortar os vínculos um a um até que ele seja a única referência que ela tem.

Minimização, negação e culpabilização. "Você está exagerando." "Você me provocou." "Se você não tivesse feito aquilo, isso não teria acontecido." Fazer com que ela duvide da própria percepção da realidade.

Uso dos filhos. Ameaçar levar as crianças. Usar as visitas como forma de assédio. Colocar

os filhos no meio do conflito. Fazer dela uma mãe que tem medo de perder tudo se sair.



Privilégio masculino. Tratar a mulher como serviçal. Tomar todas as decisões sozinho. Agir como se fosse o rei da casa e ela, uma súdita com deveres e sem direitos.

Coerção econômica. Controlar todo o dinheiro. Impedir que ela trabalhe. Dar uma mesada humilhante. Fazer com que ela precise pedir autorização para qualquer gasto. Deixá-la financeiramente dependente de forma que sair pareça impossível.

Uso de privilégio espiritual. Este merece atenção especial num contexto de Igreja. Usar textos bíblicos para justificar controle. Dizer que Deus determinou que ele manda e ela obedece. Ameaçar com consequências espirituais se ela questionar ou sair. Usar a liderança religiosa como escudo social para que ninguém acredite nela.

Uma pausa aqui para nomear algo importante:

O abuso espiritual é frequentemente o mais invisível e o mais devastador para mulheres de fé. Porque ela não apenas está presa em um relacionamento abusivo. Ela está presa com a convicção de que Deus aprova essa prisão. Que resistir é desobedecer ao Senhor. Que sofrer é carregar a cruz.

Quando chegarmos à Semana 6, vamos desmontar esse sistema teológico peça por peça. Por ora, basta nomeá-lo: usar a fé como instrumento de controle é uma forma de violência. Ponto.

Parte 3: Os Tipos de Violência (15 minutos)

Com a roda em mente, os tipos de violência ficam mais fáceis de identificar:

Violência física é a mais reconhecida. Bater, empurrar, chutar, queimar, puxar o cabelo, apertar o pescoço. Qualquer contato físico destinado a machucar, intimidar ou punir.

Violência psicológica é a mais comum. Humilhação sistemática, ameaças, gritos, gaslighting (fazer a pessoa questionar a própria realidade), controle dos movimentos, vigilância constante. Em 2023, os registros desse tipo de violência no Brasil cresceram 38% em relação ao ano

anterior. Parte desse crescimento é real. Parte é que as pessoas começaram a reconhecer e denunciar o que antes não sabiam nomear.

Violência sexual ocorre dentro do casamento. Sim, dentro do casamento. Sexo forçado, forçado sob ameaça, ou obtido através de manipulação e medo é violência, independentemente do estado civil das pessoas envolvidas. Esse é um dos tipos mais difíceis de abordar numa congregação e um dos mais prevalentes.

Violência patrimonial ou financeira é destruir objetos, controlar contas, impedir acesso ao próprio salário, fazer dívidas no nome dela sem consentimento, sabotá-la profissionalmente para que ela não consiga independência.

Violência moral é a difamação, a humilhação pública, espalhar mentiras sobre ela para que perca credibilidade, seja na família, na igreja, ou na comunidade.

Violência digital é monitorar o celular, exigir acesso a todas as senhas, instalar aplicativos de rastreamento sem consentimento, enviar mensagens ameaçadoras, compartilhar imagens íntimas sem permissão. É uma forma de controle que cresceu significativamente e afeta especialmente mulheres mais jovens.

TIPO	COMO FUNCIONA	EXEMPLOS
FÍSICA	Utilização da força	Golpes Ferimentos Submissões físicas
PSICOLÓGICA	Opressão psicológica	Ameaças Humilhações Intimidações
MORAL	Opressão ou exposição da pessoa	Calúnia Difamação Chantagem
SEXUAL	Imposição de cunho sexual sem consentimento	Abusos Assédio Estupro Exposição de nudez
ECONÔMICA	Subtração de bens ou imposição de dependência econômica	Retenção de bens ou capital Roubo Furto
SOCIAL	Repressão ou opressão de grupos minoritários	Discriminação Segregação Intolerância

DISCUSSÃO GUIADA (20 minutos)

O facilitador deve deixar um momento de silêncio antes de iniciar. Não preencha o silêncio com pressa.



Pergunta 1: *"Qual dessas formas de violência você nunca teria chamado de violência antes de hoje? Por quê?"*

Deixe que essa pergunta respire. É comum que as pessoas citem o abuso financeiro, o espiritual, ou o psicológico. O objetivo não é corrigir ninguém, mas ampliar o vocabulário do grupo.

Pergunta 2: *"Quando você ouve que uma mulher voltou para o agressor, qual é a primeira coisa que passa pela sua cabeça? Uma palavra, uma reação, um julgamento interno. Não o que você diria em voz alta. O que você realmente pensa."*

Essa pergunta não precisa de resposta pública. Pode ser feita e deixada em silêncio. O objetivo é que cada pessoa saia sabendo honestamente onde está o seu ponto de partida real antes da Semana 2.

Tarefa para a semana: Durante os próximos dias, preste atenção na linguagem que as pessoas ao redor usam quando falam sobre violência doméstica. No noticiário, em conversas, nas redes sociais. Anote mentalmente quantas vezes a pergunta é sobre ela e não sobre ele. Quantas vezes aparece "por que ela não saiu" e não "por que ele bateu." Traga essa observação para o próximo encontro. A Semana 2 vai explicar de onde vem esse padrão e por que ele é tão difícil de abandonar.

ENCERRAMENTO E LEITURA DA SEMANA (5 minutos)

Encerramento:

Feche com uma oração breve que retome a imagem de Hagar. Algo simples: pedir que Deus nos dê olhos para ver quem está ao nosso redor e ainda não encontrou um poço onde se sentir vista.

Como reflexão pessoal durante a semana: *"Há alguém na minha congregação de quem eu me afastei sem saber por quê? Alguém que sumiu, ficou mais quieta, parou de participar?"*

SEMANA 2

Entender Sem Julgar: O Ciclo e Por Que Ela Fica

Âncora central: O ciclo da violência e o vínculo traumático

Entender Sem Julgar *"O Senhor está perto dos que têm o coração quebrantado e salva os de espírito abatido."* Salmo 34.18

A semana inteira é sobre suspender o julgamento e entender por que ela fica. Deus não pergunta por que ela demorou. Ele está perto. Esse versículo diz isso em uma linha.

ABERTURA E DEVOCIONAL (15 minutos)

A Mulher que Sangrava: Doze Anos de Tentar *Marcos 5.25-34*

Doze anos. Não dias, não meses. Doze anos de uma condição que a tornava ritualmente impura, socialmente invisível, financeiramente destruída. O texto diz que ela havia sofrido muito nas mãos de muitos médicos, gastara tudo o que tinha, e não havia melhorado, mas piorado.

E ainda assim ela foi.

É fácil ler essa cena e admirar a fé dela. Mas o que o texto está nos dizendo sobre sua situação antes daquele momento? Que ela tentou. Repetidamente. Com recursos que não tinha. Com esperanças que foram frustradas uma vez atrás da outra. E continuou tentando de qualquer forma.

Quando uma mulher em situação de violência volta para o agressor, ou demora anos para sair, ou sai e retorna, nossa tendência é julgar. Onde está a fé dela? Onde está a coragem? Por que ela não simplesmente foi embora?

Essa mulher de Marcos 5 nos dá a resposta. Ficar numa situação destrutiva por anos não é ausência de fé. Não é fraqueza de caráter. É o retrato de alguém que está tentando sobreviver dentro de um sistema que não foi projetado para deixá-la sair facilmente.

Jesus não a repreende por ter demorado doze anos. Ele para. Ele pergunta. Ele a chama de filha.

Essa é a postura que esta semana nos convida a praticar.



ESTUDO PRINCIPAL (50 minutos)

Parte 1: O Ciclo da Violência (20 minutos)



Em 1979, a pesquisadora Lenore Walker descreveu pela primeira vez aquilo que mulheres em situação de violência já conheciam por dentro sem ter palavras para nomear. O ciclo da violência tem quatro fases, e elas se repetem. Sempre.

Fase 1: Acúmulo de tensão. A atmosfera da casa muda. Ele fica irritado por coisas pequenas. Ela começa a andar em ovos, tentando não provocar, ajustando o próprio comportamento para evitar o conflito. Os filhos percebem. Ela percebe. Mas nada explode ainda. A tensão apenas cresce.

Fase 2: O incidente. A explosão acontece. Pode ser uma agressão física, uma crise de gritos, uma humilhação severa, uma ameaça. É o momento de violência visível. É o único momento que a maioria das pessoas de fora reconhece como abuso.

Fase 3: Reconciliação, a fase da lua de mel. Este é o momento mais importante para entendermos do ponto de vista pastoral, porque é o mais enganoso. Depois do incidente, ele muda. Pede desculpas, às vezes com lágrimas. Traz flores. É atencioso, carinhoso, o homem que ela se lembra de ter amado. Promete que vai mudar. Às vezes envolve Deus nas promessas. Jura pela Bíblia. Diz que vai à terapia, que vai parar de beber, que nunca mais vai acontecer.

E ela acredita. Não porque é ingênua. Mas porque quer que seja verdade. Porque esse homem é o pai dos seus filhos. Porque ela tem memórias reais de amor com ele. Porque a Igreja disse que o casamento é sagrado. Porque ele parece genuinamente arrependido.

Fase 4: Calmaria. O período de tensão parece distante. A vida segue. Às vezes essa fase dura semanas, às vezes meses. E então a tensão começa a se acumular de novo.

O que é fundamental entender sobre esse ciclo:

Primeiro, ele sempre se repete. A promessa de mudança na fase de reconciliação não é mentira deliberada na maioria dos casos. O abusador frequentemente acredita em si mesmo naquele momento. Mas sem intervenção real e profunda, o ciclo recomeça.

Segundo, com o tempo, as fases mudam de proporção. A lua de mel fica mais curta. A tensão fica mais longa. Os incidentes ficam mais graves. O ciclo não se estabiliza. Ele escala.

Terceiro, a fase de lua de mel é teologicamente perigosa num contexto de fé. Porque ela se parece com arrependimento. E a Igreja treinou suas mulheres para valorizar o perdão, a reconciliação, a segunda chance. Isso, que em outros contextos é virtude, aqui pode custar uma vida.

Parte 2: Por Que Ela Fica — Vínculo Traumático (15 minutos)

Esta é a pergunta que mais revela o que pensamos no fundo: *"Por que ela não simplesmente vai embora?"*

A resposta começa com o entendimento de que sair de um relacionamento abusivo não é uma decisão simples que requer apenas coragem. É uma operação de sobrevivência contra um sistema construído especificamente para tornar a saída impossível.

O vínculo traumático é um fenômeno psicológico bem documentado. Quando uma pessoa alterna entre causar terror e oferecer alívio, afeto e cuidado, o cérebro da vítima desenvolve um apego poderoso precisamente por causa dessa alternância. Não apesar dela. Por causa dela. É o mesmo mecanismo observado em reféns que desenvolvem afeto pelos sequestradores. Não é fraqueza. É neurologia.

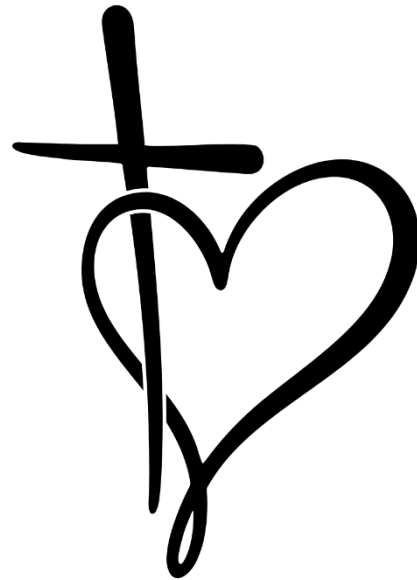
Além disso, há razões práticas que são impossíveis de ignorar:

Ela frequentemente não tem dinheiro próprio. Ele garantiu isso. Ela perdeu os vínculos de amizade e família. Ele garantiu isso também. Ela tem medo de perder a guarda dos filhos. Ela tem medo de que, se sair, ele a mate. E esse medo é estatisticamente justificado: o momento de maior perigo para uma mulher em situação de violência é imediatamente após a separação.

Ela também carrega o peso do que vai pensar a Igreja. O que vão dizer os irmãos. Se vão acreditar nela. Se vão culpá-la. Se vão tratá-la como divorciada que falhou com Deus.

Quando entendemos tudo isso, a pergunta muda. Não é mais "por que ela não vai embora?" A pergunta certa é: *"O que seria necessário para que ela pudesse ir embora com segurança?"*

Essa mudança de pergunta é o coração desta semana.



Parte 3: O Que os Números Dizem Sobre Quem Fica (15 minutos)

Cerca de metade das mulheres agredidas sofreu violência praticada pelo marido ou companheiro atual, e 15% pelo ex-marido, ex-namorado ou ex-companheiro. Isso significa que a violência não termina necessariamente com a separação. Em muitos casos, ela piora.

Mulheres cristãs tendem a permanecer em média três anos e meio a mais com um parceiro abusivo do que mulheres sem vínculo religioso, e têm maior probabilidade de retornar ao agressor após sair. Esses três anos e meio não são acidente. São o resultado direto de uma teologia mal aplicada, de líderes sem preparo, e de uma cultura eclesial que valoriza a aparência do casamento acima da segurança da mulher.

E no contexto rural, o silêncio é ainda mais espesso. Quando a Dra. Juliana Lemes da Cruz pesquisou feminicídios em municípios rurais, encontrou que 86% dos casos não tinham nenhuma notificação oficial anterior. A violência existia. Estava acontecendo. Ninguém havia registrado porque ninguém havia criado condições para que ela fosse nomeada.

Esses dados não são para desanimar. São para deixar claro que o que fazemos aqui importa de forma concreta e urgente.



DISCUSSÃO GUIADA (20 minutos)

Pergunta 1: *"O que você pensava, antes de hoje, sobre uma mulher que volta para o agressor? O que muda nesse pensamento depois de entender o ciclo e o vínculo traumático?"*

Deixe essa pergunta pousar. É provável que surja vergonha genuína. Isso é bom. Não é o momento de consolar rapidamente. É o momento de deixar a percepção mudar.

Pergunta 2: *"A fase da lua de mel se parece com arrependimento cristão. Como você distinguiria, pastoralmente, entre os dois?"*

Essa é a pergunta mais difícil da noite e não tem uma resposta simples de quatro passos. O objetivo é que o grupo comece a pensar sobre isso juntos. Algumas pistas a oferecer se a

discussão travar: arrependimento genuíno produz mudança de comportamento sustentada ao longo do tempo, não apenas promessas no calor da emoção. E arrependimento real nunca exige que a vítima volte imediatamente para provar que perdoou.

ENCERRAMENTO (5 minutos)

Feche recordando a mulher de Marcos 5. Ela ficou doze anos numa situação que a destruiu lentamente. E quando finalmente chegou até Jesus, ele não perguntou por que ela havia demorado tanto. Ele perguntou quem havia tocado nele.

Para esta semana, uma tarefa concreta com duas partes. Primeiro: pense no espaço físico da sua igreja. Se uma mulher precisasse te contar algo que nunca contou a ninguém, existe um lugar onde ela poderia fazer isso com privacidade real? Não um corredor, não o fundo do salão depois do culto. Um lugar onde ela não seria vista nem ouvida. Se esse lugar existe, ótimo. Se não existe, pense em como criar um.

Segundo: pense em o que você diria nos primeiros trinta segundos. Não uma solução, não um versículo, não um conselho. Apenas as primeiras palavras que colocariam ela à vontade para continuar falando. Traga essa frase para o próximo encontro. Vamos trabalhar com ela.

SEMANA 3

A Primeira Conversa: Como Receber uma Revelação

Âncora central: Escuta ativa e a linguagem do acolhimento

"Mas agora, assim diz o Senhor, aquele que te criou: Não temas, pois eu te resgatei; eu te chamei pelo teu nome, tu és meu." Isaías 43.1

ABERTURA E DEVOCIONAL (15 minutos)

Jesus e a Mulher no Poço: Ele Sabia de Tudo e Não Usou Isso Contra Ela *João 4.7-26*

É meio-dia. A mulher vem buscar água no horário em que ninguém mais vem, porque o horário em que ninguém mais vem é o único em que ela não precisa enfrentar os olhares. Jesus está sentado no poço. Cansado, diz o texto. E ainda assim ele faz algo que nenhum homem judeu faria naquele contexto: ele fala com ela.

A conversa que se segue é uma das mais longas que Jesus tem com qualquer pessoa em todo o evangelho de João. E ela começa com um pedido simples. Não com um sermão. Não com um diagnóstico da vida dela. Com um pedido: *"Me dá água."*



Jesus sabia tudo sobre aquela mulher antes de ela abrir a boca. Sabia dos cinco maridos. Sabia da situação atual. E não usou esse conhecimento como acusação. Usou como abertura. Como convite. Como forma de dizer: eu te vejo e não estou aqui para te condenar.

Quando ela tenta desviar o assunto para teologia, ele a acompanha. Quando ela está pronta para receber, ele fala diretamente. Ele calibra o ritmo pela disponibilidade dela, não pela sua própria urgência de resolver.

A primeira conversa com uma mulher em situação de violência exige exatamente isso. Não a nossa urgência de consertar. A disponibilidade de acompanhar no ritmo dela, com olhos que veem sem punir.

ESTUDO PRINCIPAL (50 minutos)

Parte 1: O Que Está em Jogo na Primeira Conversa (10 minutos)

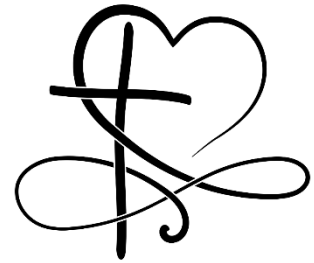
A primeira pessoa que uma mulher escolhe para contar o que vive tem um peso desproporcional no que acontece depois. Pesquisas mostram de forma consistente que a resposta do primeiro ouvinte determina em grande medida se ela vai buscar ajuda, ou se vai recuar para o silêncio por mais anos.

Isso significa que o que fazemos nos primeiros minutos daquela conversa importa de forma concreta e urgente. Não é exagero dizer que uma resposta errada pode custar anos da vida de uma mulher.

A boa notícia é que a resposta certa não exige formação clínica. Exige presença. Exige algumas escolhas deliberadas sobre o que dizer e o que não dizer. E exige o tipo de disciplina que vai contra todos os nossos instintos pastorais naturais.

Porque o instinto pastoral natural é resolver.

E resolver é exatamente o que não devemos fazer.



Parte 2: O Que Não Dizer — Frases que Fecham Portas (10 minutos)

Estas frases são ditas com boa intenção. Todas elas. E todas elas causam dano.

"Mas ele parece um homem tão bom." Ela já sabe disso. Ela convive com essa contradição todos os dias. Dizer isso não ajuda. Comunica que você acredita mais na aparência pública dele do que na realidade privada dela.

"Você tem certeza? Talvez tenha sido um momento difícil para ele." Exigir que ela prove ou justifique o que viveu antes de ser acreditada é a segunda rejeição depois da violência. Ela vai fechar a porta e não voltar.

"Você já tentou ser mais submissa? Mais paciente? Mais atenciosa?" Isso coloca a responsabilidade pela violência nela. A violência é responsabilidade de quem a pratica. Sempre.

"Vamos orar juntos e pedir que Deus mude ele." Oração não é errada. O momento é errado. Antes de qualquer coisa, ela precisa ser ouvida, não direcionada para uma solução espiritual que ela provavelmente já tentou por anos.

"Pense nos seus filhos. A família precisa ficar unida." Ela já pensa nos filhos. Constantemente. E filhos que crescem dentro de um lar com violência carregam esse trauma por décadas.

"Isso é um assunto de casal. Vocês dois precisam conversar." Aconselhamento de casal numa situação de violência doméstica é contraindicado. Não é opinião. É consenso entre profissionais da área. Colocar os dois numa sala dá ao agressor informações que ele vai usar contra ela depois que a sessão terminar.

"Já pensou que você também contribuiu para essa situação?" Não. A violência não é contribuição mútua. Conflito conjugal é. Violência é outra coisa.

Parte 3: O Que Dizer — Frases que Abrem Portas (10 minutos)

A linguagem do acolhimento não é complicada. É disciplinada. E num contexto de fé, ela pode e deve carregar peso pastoral sem se tornar conselho prematuro.

Frases práticas:

"Obrigada por confiar em mim com isso." Reconhece a coragem que foi necessária para falar.

"Eu acredito em você." Três palavras. São as mais importantes que você pode dizer. Diga-as cedo. Diga-as claramente.

"Você não merece isso. Ninguém merece." Simples, direto, sem qualificações.

"Você não está sozinha nisso." Não prometa o que não pode cumprir. Mas presença concreta e contínua é algo que você pode oferecer.

"Você não precisa tomar nenhuma decisão agora. Estou aqui." Tirar a pressão de uma solução imediata é um presente. Ela provavelmente já carrega pressão suficiente.

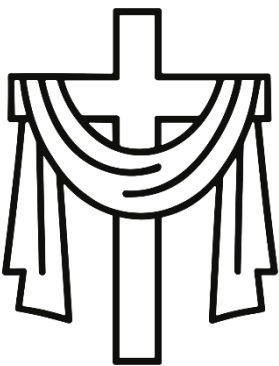
"Posso te perguntar mais sobre o que você está vivendo?" Pedir permissão antes de continuar comunica respeito pela autonomia dela num momento em que sua autonomia tem sido sistematicamente violada.

Frases pastorais — para usar com cuidado e no momento certo:

Essas frases têm lugar. Mas o lugar é depois de ela se sentir ouvida e acreditada. Nunca antes.

"Deus te viu chegar até aqui. E eu também te vejo." Ancora o acolhimento humano no cuidado divino sem transformar a conversa em sessão de aconselhamento espiritual prematuro.

"Você não está sozinha nisso. Deus não te abandonou e eu também não vou." Faz uma promessa dupla: presença divina e presença humana



concreta.

"O que você acabou de compartilhar comigo é corajoso. Obrigada por confiar." Nomeia a coragem sem minimizar o que ela está carregando.

"Você não merece isso. E Deus também não quer isso para você." Desfaz diretamente a distorção teológica mais comum, aquela que diz que o sofrimento dela é vontade de Deus, sem precisar entrar numa aula de teologia.



Parte 4: Exercício — Sentir Antes de Praticar (20 minutos)

Este exercício tem dois momentos distintos. Leia as instruções completas antes de começar para que o grupo entenda o que está prestes a acontecer e por quê.

Preparação: Antes da sessão, o facilitador convida em privado dois participantes para fazer uma demonstração. Idealmente uma mulher no papel de quem revela e um homem no papel do líder que recebe, porque esse é o cenário mais comum e o que mais gera reconhecimento na sala. Explique que o exercício tem dois momentos e que o primeiro vai ser deliberadamente difícil.

Entregue ao líder, em privado e sem que a parceira veja, um cartão com as seguintes instruções:

"No primeiro momento, faça o seguinte de forma natural, não exagerada: dê um conselho imediatamente. Pergunte o que ela fez para provocar a situação. Mencione que o marido parece um homem bom. Sugira que orem juntos. Olhe brevemente para o lado uma vez, como se houvesse algo te distraindo."

A mulher não recebe instruções. Ela simplesmente tenta continuar falando.

Round 1: A conversa que fecha portas.

O facilitador lê o cenário em voz alta para toda a sala:

"Depois do culto, uma mulher da sua congregação te chama de lado. Ela está com os olhos vermelhos mas não chorou na frente de ninguém. Ela diz: 'Eu precisava falar com alguém. Em casa as coisas estão muito difíceis. Às vezes eu fico com medo do meu marido.' E para aí."

A dupla encena a conversa por três minutos. O grupo assiste em silêncio.

Ao final, o facilitador para a cena e pergunta apenas para quem fez o papel da mulher, sem pressa:

"Como você se sentiu? Em algum momento você quis parar de falar? O que aconteceu dentro de você quando recebeu aquelas respostas?"

Não explique nada para o líder ainda. Não explique o que ele fez de errado. Deixe o relato dela pousar na sala inteira. Isso é a formação.

Round 2: A conversa que abre portas.

Mesma dupla, mesmo cenário. Desta vez o líder usa apenas as frases da lista de acolhimento. Sem conselho. Sem solução. Sem teologia prematura. Apenas presença.

Três minutos. O grupo assiste novamente.

Ao final, a mesma pergunta para quem fez o papel da mulher:

"O que foi diferente? Como você se sentiu desta vez?"



Depois da demonstração — todos em duplas:

Agora todos os participantes formam duplas e repetem apenas o Round 2. Cada pessoa experimenta os dois papéis. Cinco minutos no total.

O objetivo não é perfeição. É que cada pessoa na sala saia tendo sentido nos dois lados o que é a diferença entre ser recebida e não ser recebida.

Debrief coletivo:

O facilitador reúne o grupo e faz a pergunta final:

"O que você sentiu quando estava no papel da mulher e percebeu que a conversa estava indo para o lugar errado? O que aconteceu dentro de você?"

Depois de ouvir algumas respostas, diz com calma:

"A mulher que vocês representaram por três minutos tem vivido isso por anos. Não três minutos. Anos. Com a pessoa que deveria ser a mais segura do mundo para ela."

Não adicione mais nada depois disso. Deixe a sala ficar com essa frase.

DISCUSSÃO GUIADA (20 minutos)

Pergunta 1: *"Das frases da lista negativa, qual foi a mais difícil de segurar no exercício? O que isso te diz sobre o seu instinto pastoral natural?"*

Essa pergunta não é para envergonhar ninguém. É para mostrar que o instinto de resolver, aconselhar e citar versículos é real, é forte, e precisa ser trabalhado conscientemente.

Pergunta 2: *"Das frases pastorais de acolhimento, qual sentiu mais natural na sua boca? Qual sentiu mais estranha? Por quê?"*

Essa pergunta personaliza o aprendizado. Cada líder sai sabendo onde está mais forte e onde precisa praticar mais.

ENCERRAMENTO (5 minutos)

Feche com a imagem de Jesus no poço. Ele não resolveu a vida daquela mulher naquele encontro. Ele a encontrou onde ela estava, a tratou com dignidade, e a deixou ir diferente do que havia chegado. Ela foi tão transformada por ter sido vista que voltou correndo para a cidade a contar para todos.

Não subestimemos o que uma conversa bem conduzida pode fazer.

Tarefa para a semana: Antes do próximo encontro, cada participante deve identificar um lugar físico na sua igreja ou na sua rotina onde uma conversa confidencial poderia acontecer com segurança real. E deve ter em mente pelo menos um nome: uma psicóloga, uma assistente social, alguém na sua rede para quem poderia fazer um encaminhamento se necessário. Na Semana 4, vamos construir essa rede juntos.

SEMANA 4

Caminhos de Saída: Lei, Apoio e Segurança

Âncora central: Lei Maria da Penha e a rede de encaminhamento local

Caminhos de Saída *"Pois não nos deu Deus espírito de covardia, mas de poder, de amor e de equilíbrio."* 2 Timóteo 1.7

A semana é prática e exige que o líder aja, conheça a lei, construa rede, acompanhe até a delegacia se necessário. Esse versículo dá autorização teológica para a ação. Deus nos deu poder. Usá-lo é fidelidade.

ABERTURA E DEVOCIONAL (15 minutos)

Falar Pelo Que Não Tem Voz

Provérbios 31.8-9 e Salmo 82.3-4

"Fale por aqueles que não podem falar por si mesmos, pelos direitos de todos os desamparados. Fale e julgue com justiça; defenda os pobres e os necessitados."

"Defendei o fraco e o órfão; fazei justiça ao aflito e ao necessitado. Livrai o fraco e o necessitado; tirai-os da mão dos ímpios."



Esses textos não são metáfora. Não são espiritualização de algo abstrato. São instrução direta. Fale. Julgue. Defenda. Livrai. São verbos de ação, no imperativo, dirigidos especificamente a quem tem posição de influência e responsabilidade.

O pastor, o líder, o conselheiro tem posição. Tem voz. Tem acesso a pessoas e instituições que uma mulher isolada, com medo e sem recursos, frequentemente não tem. Esta semana é sobre usar esse acesso de forma concreta.

Conhecer a lei não é tarefa de advogado. É tarefa de quem quer falar por quem não consegue falar sozinho. E conhecer a rede de apoio não é burocracia. É o mapa que pode, num momento crítico, salvar uma vida.

ESTUDO PRINCIPAL (50 minutos)

Parte 1: A Lei Maria da Penha — O Que Todo Líder Precisa Saber (20 minutos)

A Lei 11.340, sancionada em 2006 e conhecida como Lei Maria da Penha, é uma das legislações de proteção à mulher mais completas do mundo. O problema não é a lei. O problema é que a maioria das mulheres que precisam dela não sabe o que ela oferece. E muitos dos líderes que poderiam informá-las tampouco sabem.

O que a lei define:

A Lei Maria da Penha reconhece como violência doméstica e familiar qualquer ação ou omissão baseada no gênero que cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual, psicológico, dano moral ou patrimonial. Isso inclui, explicitamente, violência psicológica e patrimonial, não apenas física.

A violência pode ser praticada por qualquer pessoa com quem a mulher tenha ou tenha tido vínculo afetivo ou familiar, independentemente de coabitação. Isso significa que o ex-namorado, o ex-marido, o companheiro com quem ela não mora mais, todos estão cobertos pela lei.

O que ela pode fazer:

A mulher pode registrar um boletim de ocorrência em qualquer delegacia do país, não apenas nas especializadas. Em municípios pequenos onde não existe DEAM, a delegacia comum tem obrigação legal de registrar.

Após o registro, ela pode solicitar medidas protetivas de urgência. O juiz tem até 48 horas para decidir sobre essas medidas. Elas podem incluir o afastamento do agressor da residência, a proibição de aproximação e de contato, e a suspensão do porte de armas.

Ela não precisa de advogado para registrar o boletim de ocorrência ou para solicitar medidas protetivas. Esse é um dos maiores mitos que impede mulheres de buscarem proteção.

Ela também não precisa ter marcas físicas visíveis. Violência psicológica é crime previsto na lei, com pena de reclusão de 6 meses a 2 anos.



O que mudou em 2021:

Uma alteração importante: desde 2021, o Ministério Público pode dar continuidade ao processo mesmo que a mulher decida retirar a queixa. Isso protege mulheres que são pressionadas pelo agressor, pela família ou pela própria culpa a recuarem na denúncia. A lei reconhece que a retirada da queixa frequentemente não é uma escolha livre.



O papel do líder nesse processo:

Não é fazer a denúncia por ela. É acompanhá-la. Oferecer-se para ir junto à delegacia. Ficar na sala de espera enquanto ela registra. Ajudá-la a organizar documentos antes de ir. Ser a testemunha de que ela não está sozinha naquele momento. Isso, que parece pequeno, é imenso para quem está tomando a decisão mais difícil da própria vida.

O pastor não tem obrigação legal de denunciar o agressor às autoridades quando uma mulher adulta compartilha o que vive em contexto de aconselhamento pastoral. Essa decisão pertence a ela. Forçar uma denúncia sem o consentimento dela pode quebrar a confiança, isolá-la, e colocá-la em risco maior se o agressor descobrir que ela falou.

O papel legal e pastoral do líder é informar, acompanhar e encaminhar. Não é decidir por ela.

A exceção é clara e não negociável: quando há suspeita de abuso contra uma criança ou adolescente, o Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece obrigação de notificação para qualquer pessoa, incluindo líderes religiosos. Nesse caso, o sigilo não se aplica e a omissão pode ter consequências legais.

Parte 2: A Rede de Apoio — Quem Faz O Quê (15 minutos)

Encaminhar bem é uma habilidade. Não basta dizer "procure ajuda." É preciso saber onde fica essa ajuda, o que ela oferece, e como chegar até lá partindo de uma realidade rural com transporte limitado e recursos escassos.

DEAM — Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher Recebe denúncias, solicita medidas protetivas, conduz investigações. Nem todo município tem uma. Quando não há DEAM local, qualquer delegacia tem obrigação legal de atender.

CRAS — Centro de Referência de Assistência Social Presente na maioria dos municípios, inclusive pequenos. Oferece acompanhamento social, acesso a benefícios, orientação sobre direitos. É frequentemente a porta de entrada mais acessível em contexto rural.

CREAS — Centro de Referência Especializado de Assistência Social Atende situações de violação de direitos, incluindo violência doméstica. Tem equipe multidisciplinar com assistente social e psicólogo. Nem sempre está no município, mas está na regional.

Casa da Mulher e Casas Abrigo Oferecem acolhimento emergencial para mulheres em risco imediato, incluindo filhos. A localização é sigilosa por segurança. O encaminhamento é feito via CREAS, DEAM ou serviço de assistência social.

CVV — Centro de Valorização da Vida Linha 188, gratuita, 24 horas. Não é exclusivo para situações de violência, mas é um recurso de crise acessível por telefone em qualquer município.

Ligue 180 — Central de Atendimento à Mulher Linha gratuita, 24 horas, do governo federal. Recebe denúncias, orienta sobre direitos e encaminha para serviços locais. Funciona de qualquer telefone, inclusive sem crédito.



Uma honestidade necessária sobre o contexto rural:

Em municípios pequenos como Caraá e região, a rede é esparsa. O DEAM mais próximo pode estar a horas de distância. O CREAS pode ter uma equipe reduzida e sobrecarregada. A casa abrigo pode estar em outro município.

Isso não é razão para desânimo. É razão para que a Igreja ocupe com seriedade o espaço que o Estado não consegue preencher. Ser acompanhador significa, na prática, ser o transporte que a leva ao CREAS. Ser o telefone que ela usa quando não tem crédito. Ser a pessoa que fica com os filhos enquanto ela vai à delegacia. Esses são os serviços que a Igreja rural pode prestar de forma única e que nenhuma política pública substitui.

Parte 3: Planejamento de Segurança (15 minutos)

O planejamento de segurança é uma ferramenta simples que existe para o momento em que a situação escala rapidamente. Não precisa ser elaborado. Precisa ser memorável e prático.

O líder não elabora o plano por ela. Ele a ajuda a pensar no plano, que é dela, no ritmo dela, nas condições reais da vida dela.

Cinco elementos básicos:

Documentos. Onde estão o RG, a certidão de nascimento dos filhos, o cartão do bolsa família, o cartão do plano de saúde. Existe uma cópia guardada em outro lugar, com alguém de confiança?

Dinheiro. Existe qualquer valor guardado, mesmo que pequeno, acessível a ela sem que ele saiba? Uma conta separada? Dinheiro com uma amiga ou familiar?

Rota de saída. Se ela precisar sair da casa com urgência, por onde sairia? Para onde iria? Quem chamaria primeiro?

Contato de confiança. Uma pessoa, fora da casa, que sabe o que está acontecendo e que pode ser chamada a qualquer hora. Não precisa ser muitos. Precisa ser um que seja real e confiável.

Plano para os filhos. Se ela precisar sair com urgência, o que leva, para onde leva as crianças, quem pode ajudar nesse momento.

O planejamento de segurança não pressiona a mulher a sair. Ele prepara o terreno para quando ela decidir que é a hora. E às vezes prepara para uma emergência que não dá aviso.

DISCUSSÃO GUIADA (20 minutos)



Pergunta 1: *"Antes de hoje, você sabia que violência psicológica é crime previsto na Lei Maria da Penha, com pena de reclusão? O que muda na forma como você ouve e recebe uma mulher que 'só' está sendo humilhada, ameaçada ou controlada?"*

Essa pergunta serve para reforçar o que foi visto na Semana 1 sobre a Roda do Poder e Controle. A lei confirma o que a roda ensinou: controle e humilhação não são menos reais do que um soco.

Pergunta 2: *"Na tarefa da semana passada, você identificou alguém na sua rede para encaminhamento? Quem foi? O que te levou a pensar nessa pessoa?"*

Essa pergunta transforma a tarefa individual em construção coletiva. O grupo começa a mapear uma rede conjunta. Incentive que as pessoas anotem os contatos que surgirem nessa conversa.

ENCERRAMENTO (5 minutos)

Feche com uma observação simples: Provérbios 31 e o Salmo 82 não dizem "ore por aqueles que não têm voz." Dizem fale. Defenda. Livrai. Verbos que exigem movimento, não apenas intenção.

Conhecer o Ligue 180, saber onde fica o CREAS, ter o número da delegacia salvo no celular, esses não são detalhes burocráticos. São o cumprimento concreto de um mandato bíblico.

Tarefa para a semana: Cada participante deve salvar no celular três números: o Ligue 180, o CRAS ou CREAS do seu município ou região, e o número de uma pessoa na sua rede de confiança que poderia ser acionada numa emergência. Na Semana 5, vamos tratar das situações mais difíceis: quando ela não está pronta para sair, e quando ele também está na sua congregação.

SEMANA 5

Situações Difíceis: O Agressor na Congregação e o Acompanhamento Contínuo

Âncora central: O que fazer quando não há solução rápida

Situações Difíceis *"Pois eu sou o Senhor, o teu Deus, que te segura pela mão direita e te diz: não temas, eu te ajudarei."* Isaías 41.13

A semana mais pesada da capacitação. O agressor na congregação, o acompanhamento sem fim à vista, o trauma secundário. O versículo não promete que será fácil. Promete que a mão está lá.

ABERTURA E DEVOCIONAL (15 minutos)

Natã e Davi: A Coragem de Nomear o Que o Rei Não Quer Ver

2 Samuel 12.1-13

Davi havia cometido adultério, manipulado, e mandado matar um homem inocente. E estava vivendo normalmente. Continuava sendo rei. Continuava liderando o povo. Continuava no altar.

Natã poderia ter ficado quieto. Afinal, quem confronta o rei? Quem aponta o dedo para o homem mais poderoso da sala e diz: *você é esse homem?*

Natã foi.

E foi com sabedoria. Não chegou com acusação direta. Chegou com uma história que deixou Davi condenar a si mesmo antes de saber que estava se condenando. Natã conhecia o homem com quem estava lidando. Sabia o que seria necessário para que a verdade chegasse.

Essa semana trata de uma das situações mais complexas que um líder pode enfrentar: quando o agressor também é membro da congregação. Quando ele está no banco da frente. Quando ele serve na equipe de louvor. Quando ele é diácono, ou presbítero, ou o próprio pastor.

Natã nos ensina que responsabilidade pastoral não é apenas cuidar da vítima. É também ter coragem de nomear o pecado de quem causa o dano, sem deixar que a posição social ou espiritual desse homem funcione como escudo. Responsabilidade não é crueldade. É o oposto do abandono.



ESTUDO PRINCIPAL (50 minutos)

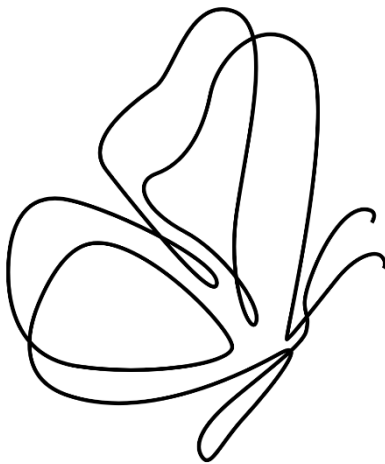
Parte 1: Quando Ela Não Está Pronta Para Sair (15 minutos)

Esta é a realidade na maioria dos casos. Uma mulher raramente chega até um líder e diz que está pronta para tomar uma decisão imediata. Ela está testando se é seguro falar. Está avaliando se será acreditada. Está, muitas vezes, em algum ponto do ciclo que aprendemos na Semana 2, talvez na fase de calma, talvez no início de um novo acúmulo de tensão.

O instinto do líder é criar urgência. Ajudá-la a ver o perigo. Empurrá-la em direção a uma decisão antes que seja tarde demais.

Esse instinto, por mais bem-intencionado que seja, frequentemente produz o efeito oposto. A mulher que se sente pressionada recua. Fecha a porta. E demora mais para abri-la novamente, se é que abre.

O que o acompanhamento contínuo realmente significa:



Significa ser uma presença estável sem condições. Sem prazos. Sem ultimatoss do tipo "se você não sair, não posso continuar te apoiando." Esse tipo de ultimato não protege ela. Protege o conforto emocional de quem o dá.

Significa continuar cumprimentando-a normalmente no culto, sem olhares de pena ou de peso que ele possa perceber e usar contra ela depois.

Significa manter conversas regulares e discretas, perguntando como ela está, sem transformar cada encontro numa sessão de crise.

Significa revisitar o plano de segurança periodicamente, não como cobrança, mas como cuidado. "Você ainda tem aquele número? Os documentos ainda estão no lugar que a gente combinou?"

Significa aceitar que a decisão é dela. O papel do líder não é decidir por ela quando é a hora certa de sair. É garantir que, quando ela decidir, ela não esteja sozinha.

Uma linha que precisa ser dita com clareza:

Acompanhamento contínuo não significa cumplicidade com a violência. O líder não normaliza a situação. Não diz que está tudo bem. Mas mantém o vínculo com ela porque esse vínculo pode ser o fio que a conecta à saída quando ela estiver pronta.

Parte 2: Quando Ele Também Está na Congregação (20 minutos)

Essa é a situação que mais paralisa líderes. E é provavelmente a mais comum, porque abusadores frequentemente escolhem ambientes onde sua imagem social é protegida. A igreja oferece exatamente isso: uma comunidade que valoriza a aparência de uma família íntegra, que resiste ao conflito público, e onde a palavra de um homem de posição carrega peso considerável.

O que não fazer:

Não convocar uma reunião com os dois presentes para "ouvir os dois lados." Como foi dito na Semana 3, colocar a vítima e o agressor numa mesma sala de mediação não é imparcialidade. É perigo. Ele vai usar tudo o que for dito ali depois que a sessão terminar.

Não compartilhar com ele, direta ou indiretamente, o que ela revelou. Mesmo que ele pergunte. Mesmo que ele chore. Mesmo que ele pareça genuinamente arrependido. A confidencialidade com ela não é negociável.

Não deixar que a posição dele na igreja proteja-o de consequências. Um homem que serve no ministério e abusa da esposa em casa está vivendo uma contradição que a liderança da igreja tem responsabilidade de nomear.

Não agir como se o problema fosse um conflito conjugal que precisa de mediação. Violência doméstica não é conflito conjugal. Não tem dois lados equivalentes que precisam ser ouvidos com igual peso.

O que fazer:

Em primeiro lugar, priorizar a segurança dela em todas as decisões. Cada passo que a liderança precisa ser avaliado pela pergunta: isso a coloca em mais risco ou em menos risco?

Se a situação for grave e ela tiver medidas protetivas ativas, o líder precisa entender que permitir que ele continue frequentando o mesmo espaço que ela pode configurar descumprimento de medida protetiva. Isso tem implicações legais para todos os envolvidos.

Quanto à responsabilidade pastoral com ele: sim, existe. Mas ela é separada e não condicionada à resposta dela. Significa que a liderança pode e deve confrontá-lo, de forma direta e privada, com o que é conhecido. Não para provocar uma crise pública, mas porque silêncio pastoral diante de pecado grave não é gentileza. É abandono disfarçado de neutralidade.

Mudança real num agressor é possível. Mas é rara, é lenta, e exige acompanhamento profissional especializado, não apenas aconselhamento pastoral. O líder não é terapeuta de agressores. Pode, e deve, encaminhar para recursos especializados. Mas não pode usar a possibilidade de mudança futura dele como razão para minimizar o dano presente a ela.



Uma situação específica que merece atenção:

Quando o agressor é o próprio líder religioso. Quando é o pastor, o presbítero, o diácono. Essa situação exige que a liderança acima dele seja acionada. Nenhum líder deve gerenciar sozinho uma situação em que o acusado tem autoridade sobre ele ou sobre a congregação. Isso não é fraqueza. É sabedoria e proteção para todos, incluindo as vítimas.

Parte 3: Cuidado com Quem Cuida — O Trauma Secundário (15 minutos)

Esta parte é frequentemente omitida em treinamentos sobre violência doméstica. Não vai ser omitida aqui.

Quem ouve histórias de violência regularmente absorve peso. Não é fraqueza espiritual. É fisiologia. O sistema nervoso humano não foi projetado para processar trauma alheio sem custo. Profissionais de saúde mental têm nome para isso: trauma vicário, ou trauma secundário.

Os sinais são sutis no começo. Dificuldade de dormir depois de uma conversa difícil. Pensamentos intrusivos sobre as histórias que ouviu. Distância emocional das pessoas próximas. Irritabilidade sem causa aparente. Sensação de impotência ou de que nada do que se faz é suficiente.



Se não for reconhecido e cuidado, evolui para algo mais sério: esgotamento, cinismo, incapacidade de continuar prestando cuidado de qualidade.

O que o líder precisa ter:

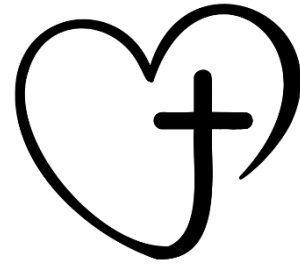
Um espaço próprio para processar o que ouve. Pode ser um supervisor, um terapeuta, um colega de confiança com quem possa falar sem quebrar confidencialidade. Pode ser um diário. Pode ser uma prática contemplativa consistente. Mas precisa existir.

Limites claros sobre disponibilidade. Estar disponível para uma mulher em crise não significa estar disponível a qualquer hora para qualquer conversa. O líder que não tem limites não dura. E não serve bem.

Clareza sobre o que está e o que não está no seu controle. Você não pode salvar ninguém. Pode acompanhar. Pode encaminhar. Pode ser presença fiel. A responsabilidade pelo resultado não é sua, e carregar essa responsabilidade além do que lhe cabe é o caminho mais direto para o esgotamento.

Uma palavra teológica sobre isso:

Jesus se retirava. Regularmente. Com intenção. No meio de uma multidão que precisava dele, ele saía para orar, para descansar, para estar sozinho ou com poucos. Isso não era fuga. Era sustento. O líder que não se retira para se sustentar está drenando de uma reserva que eventualmente vai secar.



Cuidar de si não é egoísmo pastoral. É responsabilidade pastoral.

DISCUSSÃO GUIADA (20 minutos)

Pergunta 1: *"Se você soubesse que um homem da sua congregação está abusando da esposa, qual seria o seu primeiro instinto pastoral em relação a ele? E em relação a ela? O que esta semana muda nesses instintos?"*

Essa pergunta vai revelar onde cada líder está na curva de aprendizagem. Alguns vão querer confrontar ele imediatamente. Outros vão querer proteger a imagem da congregação. Outros vão se paralisar. Deixe que a diversidade de respostas apareça e trabalhe com ela sem julgamento.

Pergunta 2: *"Você tem um espaço para processar o que ouve em situações difíceis? Se não tem, o que impede que você crie um?"*

Essa pergunta é pessoal e pode encontrar resistência, especialmente de líderes que foram formados na cultura do servo que nunca reclama. Normalize a necessidade. Dê permissão explícita para que cuidar de si seja parte da vocação, não contradição dela.

ENCERRAMENTO (5 minutos)

Feche com Natã. Ele foi ao rei com coragem, com sabedoria, e sem perder de vista quem havia sido ferido. Não foi para destruir Davi. Foi porque o silêncio seria cumplicidade. E porque Urias, que estava morto, e Bate-Seba, que havia sido usada, mereciam que alguém nomeasse o que havia acontecido.

O líder que chega à Semana 6 desta capacitação carrega exatamente isso: a disposição de ver, nomear, acompanhar e cuidar. Não de resolver tudo. Não de ser o salvador. Mas de ser a presença que não desvia o olhar.

Tarefa para a semana: Antes do último encontro, cada participante deve pensar em uma crença teológica que já usou, ou que já ouviu alguém usar, para aconselhar uma mulher a permanecer numa situação difícil. Não precisa ser compartilhada antes. Mas deve ser trazida para a Semana 6, onde vamos trabalhar diretamente com essas distorções.

SEMANA 6

Fundamentar: Teologia, Distorções e Proteção

Âncora central: Equipar para responder às objeções teológicas e construir uma congregação que seja lugar seguro

Fundamentar *"O Senhor, o seu Deus, está no meio de vocês, um poderoso guerreiro que salva. Ele se deliciará em vocês com alegria, renovará o seu amor, exultará sobre vocês com cânticos."* Sofonias 3.17

A semana fecha com teologia. E esse versículo diz tudo sobre como Deus vê as mulheres que este treinamento inteiro existe para proteger. Não com tolerância. Com alegria. Com cânticos. Que essa seja a última imagem que os líderes levam para casa.

ABERTURA E DEVOCIONAL (15 minutos)

Isaías 61: O Ungido Para Curar os de Coração Partido

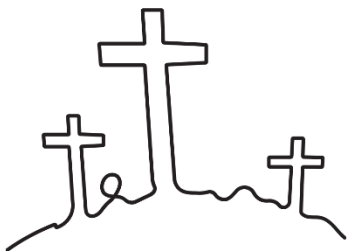
Isaías 61.1-3

"O Espírito do Senhor está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Enviou-me para curar os de coração partido, para proclamar libertação aos cativos e abertura de prisão aos presos."

Jesus leu esse texto na sinagoga de Nazaré e disse: hoje esta Escritura se cumpriu. Não num futuro distante. Hoje.

Curar os de coração partido. Proclamar libertação aos cativos. Abrir a prisão dos presos.

Há mulheres que vivem numa prisão dentro da própria casa, sustentada em parte por palavras que ouviram dentro da própria igreja. Palavras que vieram de líderes que amavam a Deus genuinamente e que não sabiam o dano que estavam causando.



Esta última semana existe para que isso mude. Para que o mesmo texto que Jesus usou para definir a sua missão defina também a nossa postura diante das mulheres que chegam até nós partidas, presas, sem conseguir ver a saída.

A teologia que liberta é possível. A teologia que aprisiona também é possível. Esta semana aprendemos a distinguir entre as duas.

ESTUDO PRINCIPAL (50 minutos)



Parte 1: Três Distorções Teológicas que Precisam Ser Nomeadas (25 minutos)

Na tarefa da semana passada, pedimos que cada participante trouxesse uma crença teológica que já havia sido usada para aconselhar uma mulher a permanecer numa situação difícil. Antes de apresentar o ensino, abra dois ou três minutos para que algumas pessoas compartilhem o que trouxeram.

Ouçã sem corrigir ainda. Depois, apresente as três distorções abaixo. Provavelmente, o que o grupo trouxe vai se encaixar em uma delas.

Distorção 1: "A esposa deve se submeter ao marido." (Efésios 5.22 fora de contexto)

Efésios 5.22 é talvez o versículo mais weaponizado contra mulheres em situação de abuso na história do cristianismo. E é quase sempre citado sozinho, separado do versículo que o antecede e do parágrafo inteiro que o contextualiza.

O versículo 21 diz: *"Submetam-se uns aos outros, por reverência a Cristo."* A submissão mútua é o princípio que governa toda a passagem. O que vem depois é a aplicação desse princípio em relações específicas, não a criação de uma hierarquia de poder absoluto.

O versículo 25 diz ao marido: *"Amai vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e a si mesmo se entregou por ela."* A medida do amor do marido é a cruz. É a entrega de si. É o oposto do controle, da humilhação e da violência.

Um homem que usa Efésios 5 para justificar controle sobre a esposa não está aplicando o texto. Está usando o texto para encobrir o que o texto condena. E um líder que reforça essa interpretação, mesmo sem intenção de causar dano, está participando do sistema que mantém ela presa.

Submissão bíblica não é sobrevivência de abuso. São coisas completamente distintas.

Distorção 2: "Deus odeia o divórcio, então ela precisa ficar." (Malaquias 2.16 mal traduzido e fora de contexto)

A tradução clássica de Malaquias 2.16 diz "Deus odeia o divórcio." Traduções mais recentes e fiéis ao texto hebraico dizem algo diferente: "Aquele que divorcia por ódio." O texto está

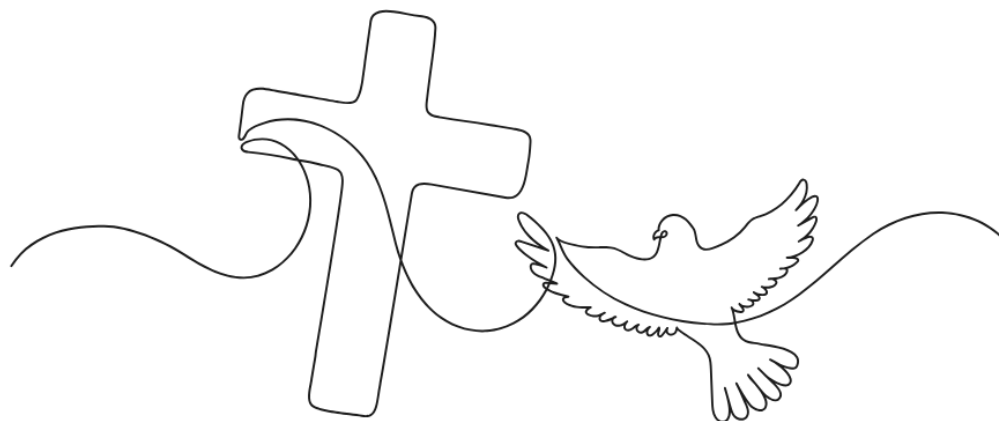
condenando o divórcio motivado por crueldade e desprezo, não o divórcio como proteção contra crueldade e desprezo.

Mas mesmo usando a tradução clássica: o mesmo Deus que em Malaquias fala sobre divórcio, em Malaquias 2.16 também diz, no mesmo versículo, que odeia "o homem que cobre a sua mulher com violência." A violência está explicitamente nomeada no mesmo texto que é usado para prender mulheres dentro dela.

Há algo profundamente errado em uma teologia que usa o desgosto de Deus pelo divórcio para ignorar o desgosto de Deus pela violência, no mesmo versículo.

Além disso, Jesus em Mateus 19 discute divórcio num contexto de proteção à mulher, não de aprisionamento. E o apóstolo Paulo em 1 Coríntios 7.15 reconhece que há situações em que a separação é a conclusão inevitável e não pecaminosa de um relacionamento.

A teologia do casamento a qualquer custo não é fidelidade ao texto. É uma escolha de que partes do texto enfatizar e quais ignorar.



Distorção 3: "O sofrimento tem propósito. Ela deve carregar essa cruz."

Essa é talvez a mais perigosa de todas porque soa mais espiritual. Afinal, a Bíblia fala sobre sofrimento. Jesus falou sobre carregar a cruz. Paulo falou sobre aprender em todo estado a contentar-se. A espiritualidade cristã tem uma tradição profunda de encontrar sentido no sofrimento.

Mas há uma diferença fundamental entre sofrimento e martírio.

O sofrimento que o Novo Testamento valoriza é o sofrimento por causa da fé, por causa da justiça, por causa de seguir a Cristo num mundo que resiste ao reino. Não é o sofrimento causado por um homem que bate, humilha e controla dentro de casa.

Uma mulher não é chamada a ser mártir dentro do próprio casamento. Mártir é quem morre pela fé. Não quem é destruída pela violência de quem deveria amá-la.

Há também uma questão prática que essa distorção ignora completamente: o sofrimento numa situação de abuso não tem fim natural. Não se resolve com paciência. O ciclo da violência não se quebra por fidelidade conjugal unilateral. Ele escala. E pedir que ela permaneça como ato de fé não é teologia do sofrimento. É condenar a sentença com linguagem espiritual.

Parte 2: Perdão Não É Reconciliação (10 minutos)

Essa distinção é central e precisa ser dita com toda a clareza possível.

Perdão é um processo interno. É a decisão de não deixar o que foi feito definir a vida dela para sempre. É libertar a si mesma do peso de carregar ódio e amargura. O perdão é para a liberdade dela, não para a absolvição dele. E ele acontece no tempo dela, não no tempo de mais ninguém.

Reconciliação é um processo relacional. Requer que as duas partes estejam presentes, que haja reconhecimento genuíno do dano, responsabilização concreta, e mudança de comportamento sustentada ao longo do tempo. Não promessas. Comportamento. Ao longo do tempo.

Ela pode perdoar completamente e ainda assim não ser seguro reconciliar. Essas duas coisas não são contraditórias. São independentes.

O líder que pressiona uma mulher a reconciliar como prova de que perdoou está confundindo dois processos distintos e colocando sobre ela uma responsabilidade que não é dela. A reconciliação, quando possível, é resultado de mudança real nele. Não de fé suficiente nela.

Parte 3: Como É Uma Congregação Que É Lugar Seguro (15 minutos)

Chegamos aqui ao ponto final desta capacitação. Não técnicas, não leis, não distorções teológicas. A pergunta mais simples e mais profunda: como é uma igreja onde uma mulher em situação de violência sente que pode falar?

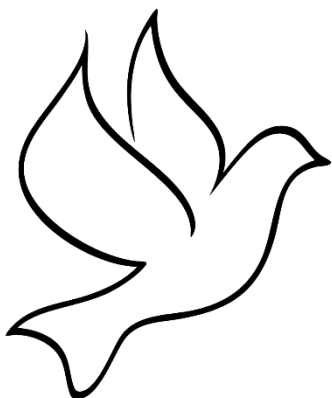
Não é uma igreja perfeita. É uma igreja que fez algumas escolhas deliberadas.



Ela pregou sobre isso. Uma mulher que nunca ouviu seu pastor mencionar violência doméstica do púlpito não tem como saber se aquele é um lugar seguro para falar. O silêncio do púlpito comunica que o assunto não existe ou não é bem-vindo. Não é necessário um sermão inteiro. É necessário que o tema apareça, que seja nomeado, que seja tratado com seriedade e cuidado.

Ela tem pelo menos uma mulher em posição de liderança ou referência. Uma mulher em situação de violência frequentemente não consegue falar com um homem primeiro. Ter uma mulher identificável, acessível e preparada na liderança ou na equipe de cuidado pastoral não é questão ideológica. É questão de acesso.

Ela não protege a aparência acima das pessoas. Uma congregação que lida com situações de abuso de forma a proteger a imagem pública da família, ou do líder envolvido, ou da própria igreja, está escolhendo a aparência acima da pessoa. Isso é o oposto do evangelho. E as pessoas que estão sendo protegidas o fazem, frequentemente, em nome do próprio evangelho.



Ela tem um protocolo, mesmo que simples. Não precisa ser um manual. Precisa ser uma resposta acordada entre os líderes: o que fazemos quando alguém revela? Quem é acionado? Qual é o primeiro passo? Ter essa conversa antes que a situação aconteça é a diferença entre uma resposta cuidadosa e uma reação improvisada que pode causar dano.

Ela fala abertamente sobre os recursos disponíveis. O Ligue 180 pode ser mencionado num aviso de culto. O CREAS pode aparecer na lista de recursos da comunidade. Quando uma mulher ouve essas referências no ambiente da igreja, ela recebe uma mensagem silenciosa mas poderosa: aqui esses assuntos existem. Aqui eu posso ser vista.

EXERCÍCIO DE ENCERRAMENTO (discussão guiada — 20 minutos)

Este é o exercício final da capacitação. Peça que cada participante pegue uma folha de papel e escreva em silêncio, por cinco minutos, um compromisso pessoal com três elementos:

O que eu vou fazer diferente: uma mudança concreta de comportamento ou postura quando me deparar com uma situação de violência doméstica.

O que eu vou parar de fazer: uma frase, um conselho, uma postura que reconheço agora como potencialmente danosa e que me comprometo a abandonar.

O que eu vou construir: uma coisa prática na minha congregação que contribua para que ela seja um lugar mais seguro para mulheres em situação de vulnerabilidade.

Depois dos cinco minutos de escrita, quem quiser compartilha. Não é obrigatório. Mas a experiência mostra que, quando um líder diz em voz alta diante de outros o que se comprometeu a fazer, a probabilidade de que isso aconteça aumenta significativamente.

Recolha as folhas ou peça que guardem. Elas são o protocolo pastoral pessoal de cada um. O resultado concreto das seis semanas.

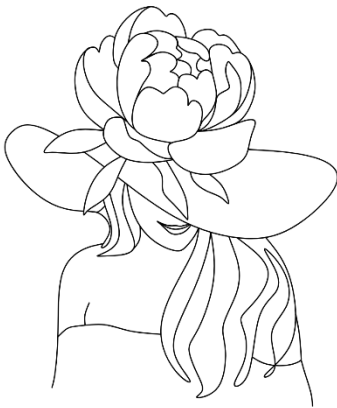
ENCERRAMENTO FINAL DA CAPACITAÇÃO (5 minutos)

Feche com Isaías 61. O mesmo texto com que começamos esta semana. Leia devagar.

"O Espírito do Senhor está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Enviou-me para curar os de coração partido, para proclamar libertação aos cativos e abertura de prisão aos presos."

Diga ao grupo algo assim, com suas próprias palavras:

Há seis semanas, vocês chegaram aqui com boa intenção e pouca ferramenta. Hoje saem com mais do que isso. Saem com linguagem para nomear o que antes não sabiam nomear. Com coragem para receber o que antes talvez recusassem sem perceber. Com uma rede, mesmo que pequena, para encaminhar o que não conseguem resolver sozinhos. E com uma teologia que liberta em vez de aprisionar.



Isso não resolve tudo. Não vai impedir toda situação de violência na sua congregação. Mas vai garantir que, quando uma mulher finalmente encontrar coragem para tocar na veste, haja alguém que pare, que pergunte, que veja.

Isso, por si só, já é ungimento.

Ore de forma simples, pessoal e direta. Entregue cada líder e cada mulher que eles acompanharão nas mãos do Deus que viu Hagar no deserto, que parou para a mulher que sangrava, que conversou com a mulher no poço, e que leu Isaías 61 e disse: hoje.

ANEXO 01:

TEXTOS BÍBLICOS FREQUENTEMENTE DISTORCIDOS E O QUE ELES REALMENTE DIZEM

"Serás uma coroa de glória na mão do Senhor, um diadema real na palma do teu Deus." Isaías 62.3

O anexo desmonta distorções. Esse versículo, logo na abertura, estabelece quem ela é aos olhos de Deus antes que qualquer texto distorcido tente definir o contrário.

Este material é um recurso de apoio para a Semana 6, mas pode ser distribuído ao longo de toda a capacitação conforme os temas aparecerem. O objetivo não é desconstruir a autoridade das Escrituras. É o oposto: devolver aos textos o seu significado real, retirado deles por séculos de leitura seletiva e descontextualizada.

Cada texto está organizado em três partes: como é usado de forma distorcida, o que o contexto realmente diz, e o que isso significa pastoralmente.

TEXTOS SOBRE SUBMISSÃO E AUTORIDADE MARITAL

Efésios 5.22 — "As mulheres sejam submissas aos seus próprios maridos, como ao Senhor."

Como é distorcido: Citado isoladamente para estabelecer autoridade absoluta do marido sobre a esposa, incluindo o direito de discipliná-la, controlá-la e exigir obediência irrestrita.

O que o contexto diz: O versículo 21, imediatamente anterior e parte da mesma frase no grego original, diz: "Submetam-se uns aos outros por reverência a Cristo." A submissão mútua é o princípio que governa toda a passagem. O versículo 22 não tem verbo próprio no original grego. Ele toma emprestado o verbo do versículo 21. Separá-los é uma violência ao próprio texto.

O versículo 25 instrui o marido a amar a esposa como Cristo amou a Igreja e a si mesmo se entregou por ela. A medida do amor do marido é a auto-entrega, não o controle. Cristo não controlou a Igreja. Morreu por ela.

Pastoralmente: Um homem que usa Efésios 5 para justificar controle ou violência não está obedecendo ao texto. Está usando o texto para encobrir exatamente o que o texto condena.

Colossenses 3.18 — "Mulheres, sede submissas a vossos maridos, como convém no Senhor."

Como é distorcido: Usado como reforço de Efésios 5, frequentemente sem o versículo seguinte.

O que o contexto diz: O versículo 19 diz imediatamente: "Maridos, amai vossas mulheres e não sejais ásperos para com elas." A aspereza é explicitamente condenada. O texto não cria uma hierarquia de poder. Cria uma responsabilidade mútua de amor e respeito dentro da cultura do primeiro século, sendo relido à luz do evangelho.

Pastoralmente: A aspereza que o texto proíbe inclui humilhação, dureza, frieza e crueldade. A instrução ao marido é tão vinculante quanto a instrução à esposa.

1 Pedro 3.1-2 — "Da mesma forma, vós, mulheres, sede submissas a vossos maridos, para que, se alguns deles não obedecem à palavra, sejam ganhos sem palavra alguma, pelo procedimento de suas mulheres."

Como é distorcido: Usado para instruir mulheres a permanecerem em silêncio e em submissão como estratégia de evangelização do marido, mesmo em situações de abuso. O sofrimento dela seria o instrumento da salvação dele.

O que o contexto diz: Pedro está escrevendo para mulheres convertidas casadas com maridos não cristãos, num contexto cultural em que uma esposa que mudasse de religião poderia ser acusada de insubordinação social. Ele não está prescrevendo sofrimento como virtude universal. Está oferecendo uma estratégia pastoral específica para uma situação cultural específica.

O versículo 7 instrui os maridos a tratarem as esposas com consideração, "como a um vaso mais frágil", e como "co-herdeiras da graça da vida", sob pena de que suas orações sejam impedidas. A dignidade da esposa está explicitamente protegida.

Pastoralmente: Esse texto não instrui nenhuma mulher a suportar abuso como missão. E nenhuma leitura honesta do Novo Testamento como um todo sustenta que Deus usa a destruição de uma pessoa como instrumento de salvação de outra.

1 Timóteo 2.11-12 — "A mulher aprenda em silêncio, com toda a submissão. Não permito que a mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o homem; deve ficar em silêncio."

Como é distorcido: Usado para silenciar mulheres que tentam falar sobre o que vivem, denunciar o agressor, ou buscar apoio externo. Falar seria desobedecer à ordem bíblica de silêncio.

O que o contexto diz: Paulo está escrevendo para Timóteo sobre uma situação específica em Éfeso, onde havia mulheres sendo enganadas por falsas doutrinas e perturbando o ensino da

congregação. O texto é uma instrução pastoral pontual, não uma proibição universal e atemporal da voz feminina.

O mesmo Paulo que escreveu esse texto elogiou Priscila por ensinar Apolo, reconheceu Febe como diáconisa, e listou mulheres entre seus colaboradores no ministério do evangelho.

Pastoralmente: Usar esse texto para silenciar uma mulher que está tentando revelar violência não é fidelidade bíblica. É usar a Escritura como instrumento de controle, que é exatamente o que o abusador já faz em casa.

TEXTOS SOBRE CASAMENTO E DIVÓRCIO

Malaquias 2.16 — "Porque o Senhor, o Deus de Israel, diz que odeia o repúdio."

Como é distorcido: Citado como proibição absoluta de divórcio em qualquer circunstância, incluindo situações de violência.

O que o contexto diz: Traduções mais fiéis ao hebraico original traduzem o versículo de forma diferente: "Aquele que divorcia por ódio." O texto está condenando o divórcio motivado por crueldade e descarte, não o divórcio como proteção contra crueldade.

Mais importante: o mesmo versículo, na mesma frase, diz que Deus odeia "o homem que cobre a sua mulher com violência." A violência está condenada no mesmo texto usado para prender mulheres dentro dela. Selecionar apenas a primeira parte do versículo é manipulação textual, independentemente de ser intencional ou não.

Pastoralmente: Uma teologia honesta de Malaquias 2.16 condena tanto o divórcio fácil quanto a violência conjugal. Usá-lo apenas para condenar o divórcio enquanto se ignora a violência é uma escolha hermenêutica com consequências reais para a vida de mulheres reais.

Mateus 19.6 — "O que Deus ajuntou não o separe o homem."

Como é distorcido: Usado para afirmar que o casamento é indissolúvel em qualquer circunstância, e que uma mulher que busca separação está agindo contra Deus.

O que o contexto diz: Jesus está respondendo a uma pergunta dos fariseus sobre divórcio fácil, que na cultura judaica do primeiro século permitia ao homem repudiar a esposa por qualquer motivo trivial. Jesus está protegendo mulheres do descarte arbitrário, não aprisionando-as em relacionamentos violentos.

O mesmo Jesus que disse essa frase reconheceu exceções no versículo seguinte e tratou mulheres com dignidade radical em todos os evangelhos.

Pastoralmente: O contexto original desse texto é proteção à mulher. Usá-lo para o oposto, para mantê-la presa, é inverter completamente a intenção de Jesus ao dizê-lo.

1 Coríntios 7.10-11 — "Que a mulher não se separe do marido... e que o marido não deixe a sua mulher."

Como é distorcido: Citado como proibição direta de separação.

O que o contexto diz: O versículo 11 continua: "mas, se ela se separar, que fique sem casar ou que se reconcilie com o marido." Paulo reconhece a possibilidade de separação. Ele não a prescrevendo, mas a reconhecendo como realidade e oferecendo orientação pastoral para quando acontecer.

O versículo 15, poucas linhas depois, diz explicitamente que se o cônjuge não crente quiser separar-se, "que se separe. O irmão ou a irmã não estão sob servidão em tais casos." A palavra servidão é significativa. Paulo reconhece que há situações em que permanecer casada é servidão.

Pastoralmente: A leitura completa de 1 Coríntios 7 não sustenta uma proibição absoluta de separação. Sustenta uma visão elevada do casamento que reconhece, ao mesmo tempo, que nem todo casamento pode ou deve continuar.

TEXTOS SOBRE SOFRIMENTO E PERSEVERANÇA

Romanos 8.28 — "Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus."

Como é distorcido: Usado para sugerir que o sofrimento causado pelo abuso tem propósito divino e que ela deve permanecer para ver o que Deus vai fazer através dessa situação.

O que o contexto diz: Paulo está escrevendo sobre a soberania de Deus na vida dos que o amam, não prescrevendo sofrimento evitável como instrumento de crescimento espiritual. O mesmo Paulo que escreveu esse versículo fugiu de perseguições, usou seus direitos civis como cidadão romano para proteção, e instruiu os crentes a buscar a paz.

Pastoralmente: Deus pode trazer bem de qualquer situação. Isso não significa que ele deseja que a situação continue. A capacidade de Deus de trabalhar apesar do sofrimento não é razão para mantê-la no sofrimento.

Tiago 1.2-4 — "Considerai sumamente gozoso, meus irmãos, o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé produz perseverança."

Como é distorcido: Usado para enquadrar o abuso como prova que fortalece o caráter, e para instruir a mulher a perseverar ao invés de sair.

O que o contexto diz: As provações de Tiago são circunstâncias externas da vida, não violência doméstica praticada por alguém que deveria protegê-la. A perseverança que ele descreve é a fé que se mantém firme diante de dificuldades da vida, não a submissão passiva a um agressor.

Pastoralmente: Resistir ao abuso, buscar proteção e sair de uma situação violenta também requer perseverança. A coragem de sair não é falta de fé. Frequentemente é o maior ato de perseverança da vida de uma mulher.

Filipenses 4.11 — "Aprendi a contentar-me em qualquer estado em que me encontre."

Como é distorcido: Usado para instruir mulheres a aceitarem sua situação como vontade de Deus, a serem gratas pelo que têm, e a não buscarem mudança.

O que o contexto diz: Paulo está falando de contentamento diante de circunstâncias materiais, de abundância ou escassez. Está descrevendo uma paz interior que não depende das condições externas. Não está prescrevendo aceitação passiva de injustiça ou violência.

Pastoralmente: O mesmo Paulo que escreveu sobre contentamento também lutou ativamente contra injustiça, apelou às autoridades quando necessário, e nunca instruiu ninguém a aceitar tratamento degradante como expressão de fé.

TEXTOS SOBRE PERDÃO E RECONCILIAÇÃO

Mateus 18.21-22 — "Até sete vezes? Não te digo até sete, mas até setenta vezes sete."

Como é distorcido: Usado para instruir mulheres a perdoarem repetidamente e a darem "mais uma chance" indefinidamente, independentemente de mudança real.

O que o contexto diz: Jesus está falando sobre a disposição interior para o perdão, não sobre a obrigação de continuar em relacionamentos que causam dano. O mesmo Jesus que disse isso também disse em Mateus 18.15-17 que quando alguém peca contra você e não responde à responsabilização, há consequências relacionais concretas.

Pastoralmente: Perdoar setenta vezes sete não significa expor-se ao dano setenta vezes sete. Perdão é um processo interno de liberação. Não é uma instrução para continuar disponível ao agressor.

Lucas 6.37 — "Não julgueis e não sereis julgados."

Como é distorcido: Usado para silenciar mulheres que nomeiam o comportamento do agressor, sugerindo que julgá-lo é pecado.

O que o contexto diz: Jesus está falando sobre julgamento hipócrita e condenação aleatória de outros. Não está proibindo o discernimento, a nomeação do mal, ou a busca de justiça. O mesmo Jesus que disse isso expulsou os vendilhões do templo, chamou os fariseus de sepulcros caiados, e disse claramente que o mal é mal.

Pastoralmente: Nomear violência como violência não é julgamento no sentido que Jesus condena. É discernimento. É o que Natã fez com Davi. É o que os profetas fizeram durante séculos. É o que o amor verdadeiro exige.

UMA NOTA FINAL SOBRE COMO USAR ESTE MATERIAL

Estes textos não devem ser usados para vencer argumentos. A mulher que chega até um líder citando versículos para justificar por que precisa ficar não precisa de uma contra-argumentação bíblica. Ela precisa ser acolhida.

Este material é para o líder. Para que ele não seja paralisado quando o agressor, a família, ou a própria comunidade levantar essas objeções. Para que ele tenha firmeza teológica suficiente para não reforçar, mesmo sem intenção, um sistema que usa a Palavra de Deus para manter mulheres presas.

A Bíblia que liberta é a mesma Bíblia que tem sido usada para aprisionar. A diferença está em quem a lê, com quais olhos, e com qual compromisso com as pessoas que estão na sala.

ANEXO 02:

Outras Realidades que Precisam Ser Nomeadas

Esta capacitação foi construída a partir da realidade mais documentada e mais frequente: a violência praticada por homens contra mulheres dentro de relacionamentos íntimos. Essa escolha foi intencional e os dados justificam. Mas seria desonesto encerrar seis semanas de formação sem nomear o que ficou fora do escopo principal. Não porque seja menos importante. Porque é diferente o suficiente para merecer tratamento próprio no futuro.

A violência praticada por mulheres

Mulheres também praticam violência. Contra parceiros, contra filhos, contra pais idosos, e dentro de relacionamentos homoafetivos. Ela é subnotificada por razões diferentes da violência masculina: vergonha cultural invertida, incredulidade, e a ausência de um vocabulário social que reconheça o homem ou a mulher como vítima nesse contexto. Um homem que sofre violência da esposa raramente encontra acolhimento pastoral, e quase nunca encontra um líder com ferramentas para recebê-lo. As mesmas perguntas que esta capacitação ensinou a fazer, as mesmas frases que abrem portas, o mesmo cuidado com o ciclo e o vínculo traumático, tudo isso se aplica independentemente do gênero de quem sofre. O líder preparado precisa saber que a porta está aberta para ele também.

Violência em relacionamentos homoafetivos

A violência doméstica ocorre em relacionamentos homoafetivos com a mesma frequência que em relacionamentos heterossexuais. A subnotificação é ainda mais severa porque a vítima frequentemente não encontra nem acolhimento pastoral nem estrutura legal adequada para sua realidade. A Roda do Poder e Controle não tem gênero. O ciclo da violência não tem gênero. Um líder que só consegue receber uma vítima dentro de um modelo heterossexual não está preparado para servir a toda a sua congregação.

A criança no meio

Quando há violência doméstica numa casa, há quase sempre uma criança sendo afetada. Como testemunha, como alvo secundário, ou como vítima direta. Violência doméstica e maus-tratos infantis são problemas que coexistem com frequência alta demais para serem tratados separadamente. O líder que está acompanhando uma mulher precisa estar pensando nas crianças dela em cada passo. E precisa saber que a suspeita de abuso infantil tem implicações legais no Brasil que vão além da discipulação pastoral. O Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece obrigatoriedade de notificação. Isso não é opcional.

O agressor querido

Abusadores em contexto de Igreja são frequentemente as pessoas mais admiradas da congregação. Generosos, servidores, carismáticos, presentes. A distância entre o homem público e o homem privado não é acidente. É parte do padrão. Um líder que só conhece o homem público vai lutar internamente para acreditar na mulher que descreve o homem privado. Nomear esse conflito antes que ele aconteça é parte do preparo. A admiração que você sente por ele é real. E não é evidência de que ela está errada.

A família que cobre

Em comunidades pequenas e em culturas familiares fortes, o agressor frequentemente tem a família ao redor protegendo sua imagem, pressionando a mulher a ficar, ou ativamente desacreditando o que ela diz. Sogra, cunhadas, pais, irmãos. Isso não é exceção. É regra. O líder que acompanha uma mulher nesse contexto precisa entender que o sistema ao redor dela pode ser tão aprisionante quanto o relacionamento em si.

Uma palavra sobre prevenção

Tudo que esta capacitação ensina é resposta. Como receber, como encaminhar, como acompanhar. Mas a conversa que ainda precisa acontecer nas igrejas brasileiras é sobre prevenção: ensinar meninos e meninas desde cedo o que é um relacionamento saudável, o que é consentimento, o que é respeito mútuo. Essa é uma capacitação diferente, para um público diferente, com metodologia diferente. Mas ela nasce do mesmo lugar que esta. E é o próximo passo natural para qualquer congregação que leve a sério o que aprendeu aqui.

"Sempre que fizeram isto a um dos mais pequeninos dos meus irmãos, fizeram-no a mim."
Mateus 25.40

Ele não disse quem são os pequeninos. Não especificou gênero, nem idade, nem tipo de relacionamento, nem posição social. Disse: os pequeninos. Todos eles. O preparo para servi-los bem não é opcional. É ato de adoração.

ANEXO 03: **Versículos Bíblicos de Apoio de Restauração**

Para uso como epígrafes, cartões, ou momentos de abertura e encerramento ao longo da capacitação.

"Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou."
Gênesis 1.27

Antes de qualquer texto distorcido, antes de qualquer hierarquia imposta, este é o fundamento. Ela carrega a imagem de Deus. Nada do que aconteceu com ela tocou isso.

"Antes de te formar no ventre materno, eu te conheci." Jeremias 1.5

Ela existia, era conhecida e valorizada, antes de qualquer relacionamento, antes de qualquer violência. A sua identidade não começa nem termina nele.

"Registra a minha lamentação; coloca as minhas lágrimas na tua garrafa. Não estão elas no teu registro?" Salmo 56.8

Deus não apenas vê o choro. Ele o coleta. Ele o guarda. Nenhuma lágrima se perde.

"Você sabe quando me sento e quando me levanto; de longe você percebe os meus pensamentos. Você examina o meu caminhar e o meu deitar; conhece todos os meus caminhos." Salmo 139.2-3

Um Deus que já vê tudo, inclusive o que está escondido. Um convite para que o líder desenvolva esse mesmo olhar.

"Pode uma mãe esquecer o filho que ainda mama, deixar de ter compaixão do filho que gerou? Ainda que ela o esqueça, eu não me esquecerei de você. Eis que gravei você nas palmas das minhas mãos." Isaías 49.15-16

Não anotado. Gravado. Permanente. O nome dela está nas mãos de Deus de forma que nada apaga.

"As misericórdias do Senhor não têm fim; as suas compaixões não se esgotam. Renovam-se cada manhã; grande é a tua fidelidade." Lamentações 3.22-23

Escrito no meio de um livro inteiro de lamento e devastação. Esperança que nasce de dentro do sofrimento, não apesar dele.

"O Senhor está perto dos que têm o coração quebrantado e salva os de espírito abatido." Salmo 34.18

Deus não pergunta por que ela demorou. Ele está perto. Esse versículo diz isso em uma linha.

"Ele me tirou de um poço destruidor, de um lamaçal. Colocou os meus pés sobre uma rocha e me deu uma base firme." Salmo 40.2

Para o momento em que ela começa a acreditar que existe chão firme do outro lado.

"Ele sara os de coração partido e cura as suas feridas." Salmo 147.3

Simple e direto. Deus não ignora as feridas. Ele as cura.

"Mas agora, assim diz o Senhor, aquele que te criou: Não temas, pois eu te resgatei; eu te chamei pelo teu nome, tu és meu." Isaías 43.1

Chamar pelo nome é o primeiro ato de reconhecimento. É exatamente o que o bom acolhimento faz, e é exatamente o que Deus faz com ela.

"Esqueçam as coisas passadas; não se lembrem mais das coisas antigas. Estou fazendo uma coisa nova!" Isaías 43.18-19

Para o momento em que ela começa a crer que existe uma vida do outro lado daquilo que viveu.

"Pois eu sou o Senhor, o teu Deus, que te segura pela mão direita e te diz: não temas, eu te ajudarei." Isaías 41.13

Não promete que será fácil. Promete que a mão está lá.

"Serás uma coroa de glória na mão do Senhor, um diadema real na palma do teu Deus." Isaías 62.3

Deus não vê uma mulher diminuída. Vê uma coroa. Esse versículo pertence ao início de qualquer conversa sobre quem ela é.

"Ela se reveste de força e dignidade e sorri diante do futuro." Provérbios 31.25

Curto, forte, e completamente contrário a tudo que o agressor disse a ela sobre si mesma.

"Como lírio entre os espinhos é a minha amada entre as mulheres." Cânticos 2.2

A beleza não foi destruída pela dificuldade ao redor. Ela persiste apesar dela.

"Mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças. Voam alto como águias; correm e não ficam exaustos; caminham e não se cansam." Isaías 40.31

Para a mulher que está exausta de sobreviver. A renovação não vem do esforço próprio. Vem de esperar nele.

"Porque eu sei os planos que tenho para vocês, diz o Senhor, planos de fazê-los prosperar e não de causar dano, planos de dar a vocês esperança e um futuro." Jeremias 29.11

Para a mulher que não consegue imaginar uma vida diferente da que tem agora. Deus já vê o futuro que ela ainda não consegue enxergar.

"Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vocês são um em Cristo Jesus." Gálatas 3.28

O fundamento teológico que desmonta toda hierarquia usada para mantê-la silenciada. Paulo mesmo.

"Pois não nos deu Deus espírito de covardia, mas de poder, de amor e de equilíbrio." 2 Timóteo 1.7

Para mulheres ensinadas que submissão significa ausência de poder. Deus nos deu espírito de poder. Usá-lo é fidelidade.

"Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo que Deus adquiriu como sua propriedade especial." 1 Pedro 2.9

Ela não é descartável. Ela é propriedade especial de Deus. Escolhida. Preciosa.

"Portanto, agora já não há nenhuma condenação para os que estão em Cristo Jesus." Romanos 8.1

Para a mulher que foi convencida, direta ou indiretamente, de que o que aconteceu com ela é culpa sua. Nenhuma condenação. Nem uma grama dela lhe pertence.

"Pois estou convicto de que nem morte nem vida, nem anjos nem demônios, nem o presente nem o futuro, nem quaisquer poderes, nem altura nem profundidade, nem qualquer outra coisa na criação será capaz de nos separar do amor de Deus." Romanos 8.38-39

Nada. Nem o que ele fez. Nem o que ela acredita sobre si mesma no momento mais baixo. Nada a separa desse amor.

"Eu posso fazer todas as coisas por meio daquele que me fortalece." Filipenses 4.13

Para o momento em que sair parece impossível. Para o momento em que recomeçar parece impossível. Para qualquer momento em que a tarefa parece maior do que ela.

"O Senhor, o seu Deus, está no meio de vocês, um poderoso guerreiro que salva. Ele se deliciará em vocês com alegria, renovará o seu amor, exultará sobre vocês com cânticos." Sofonias 3.17

Deus não apenas tolera. Ele exulta. Ele canta sobre ela. Que essa seja uma das últimas imagens que os participantes levem para casa.

"Se o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres." João 8.36

Uma frase. O ponto central de tudo.

"Sempre que fizeram isto a um dos mais pequeninos dos meus irmãos, fizeram-no a mim." Mateus 25.40

Ele não especificou gênero, nem idade, nem tipo de sofrimento. Disse os pequeninos. Todos eles. O preparo para servi-los bem não é opcional. É adoração.